

**A MISTERIOSA MORTE DO SUPREMO
IMPERADOR DA CHINA
E OUTROS TEXTOS
TEATRAIS DE 10 MINUTOS**

ORIGINAIS DE DOC COMPARATO

JARDIM BOTÂNICO – RIO DE JANEIRO, 2015

NÚMERO DE REGISTRO SGAE 11298475

DOC COMPARATO ® © REG N ® 823008819

www.doccomparato.com

www.facebook.com/doccomparatodigital

São dez peças de teatro parcialmente interligadas que podem ser encenadas em separado ou em conjunto. Elas percorrem um longo período da História da humanidade e ocorrem em diversas partes do mundo. Portanto, a relação espaço/tempo é muito profunda entre uma e outra. O elenco é formado por uma atriz e dois atores que se revezam em diversos papéis, porém excepcionalmente existe uma peça com quatro personagens e a necessidade de mais atores em cena.

Advertência

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE (Brasil) – Site: www.sgae.es E-mail: raraujo@sgae.com.br

ABRAMUS – Site: www.abramus.org.br E-mail: guilherme.amaral@abramus.org.br

Índice

- 1. A Misteriosa Morte do Supremo Imperador da China**
- 2. O Poder do Nada**
- 3. O Pecado Mortal**
- 4. O Pneu Verde**
- 5. Ordem e Progresso**
- 6. A Caixinha de Música**
- 7. A Manicure**
- 8. Antes do Assombro da Morte**
- 9. Nós**
- 10. Download**

A MISTERIOSA MORTE DO SUPREMO IMPERADOR DA CHINA

Original de Doc Comparato - Peça Teatral de 10 minutos

Resumo: Dois mil anos antes de Cristo o imperador Chin, que criou o império chinês, percorre suas terras para constatar seus feitos e experimentar o elixir criado por um alquimista.

Personagens:

1 – **Imperador da China.** Homem altivo, autoritário e sem piedade pelos súditos. Ele se veste ricamente, e por ter sofrido um atentado vive prisioneiro de sua própria segurança. Se considera um Deus. É falso. Atrás de belas palavras podem surgir grandes maldades.

2 – **O Alquimista,** um homem sábio e bondoso que tem consciência de sua descoberta mas tem medo das consequências, devido ao caráter do Imperador.

3 – **A filha do Alquimista,** jovem e bonita, defensora do pai, mas tem medo das atitudes desumanas do Imperador. Tenta agradá-lo.

Nota: Esse texto de teatro, mesmo sendo inspirado em fatos reais, é inteiramente ficcional.

A MISTERIOSA MORTE DO SUPREMO IMPERADOR DA CHINA

EXT. – CASA DO MESTRE – DIA

Vemos o mestre e sua filha. Vemos também uma janela vermelha em estilo chinês, alguns bambus, uma mesa com objetos e utensílios da época.

Vemos também duas lanternas chinesas. Nós estamos na China. 2000 Anos antes de Cristo.

No palco estão o Mestre Alquimista e sua jovem filha.

MESTRE – Antes dele não havia China. Existiam vários reinos e principados sempre em guerra. Ele uniu todos e construiu um Império. Como disse o filósofo Sun Lee: O Imperador conquistou um território inteiro como se ele fosse um troféu antes do medo de seus inimigos tornaram-se reais.

FILHA – Claro que o Imperador é um grande General e conhece a arte de humilhar e exterminar seus inimigos como se fossem formigas. Sem piedade ou clemência.

MESTRE – Cale a boca, amada filha. Nesse Império até as folhas do bambu escutam. Nós somente temos o direito de comemorar as vitórias do Imperador. Fique alerta. Um pequeno erro pode ser fatal. Ele criou...

Nesse momento ouve-se um forte tropel de cavalos. Silêncio. FILHA – Trinta e seis.

MESTRE – O Supremo Imperador criou um Império com o tamanho de cinco continentes reunidos. Seu exército é tão poderoso que pode atacar pelos quatro lados simultaneamente. E sempre no momento exato.

FILHA – Você ouviu o que eu disse? Trinta e seis.

MESTRE – Filha, eu não sou surdo.

Nesse momento ouvimos um novo e forte tropel de cavalos/

Silêncio.

FILHA – Parece que a Corte inteira está vindo para cá. É incontável o número de carruagens!

Ouve-se outro tropel.

FILHA (CONT'D) – Trinta e sete. MESTRE – Nunca se soube em qual carruagem ele estará depois da tentativa de assassinato que ele sofreu. O Imperador se tornou a pessoa mais reclusa do mundo.

FILHA – O pai jamais deveria ter escrito aquela carta, descrevendo sua descoberta e ocasionando esse tumulto em nossas vidas.

MESTRE – Mas quem iria supor que o Imperador viria me visitar pessoalmente? Aqui, na minha casa, nas entranhas do Império!

Ouve-se vozes indefinidas, portas batendo e o relinchar de cavalos.

FILHA – Não iremos sair vivos dessa história. Com certeza ele vai ordenar que seus soldados nos mate em nossa própria casa. Será uma tragédia. Que medo... Lembra? O Magnífico Imperador matou o professor do fogo em pó, o engenheiro que construiu a grande muralha e o arquiteto que projetou a grande barragem.

MESTRE – Cale a boca!

Ouvimos o rufar dos tambores e uma grande caixa se ilumina.

MESTRE (CONT'D) – É ele... O Imperador de todas as Chinas.

FILHA – Em nome de nossos ancestrais, peço clemência... É o senhor de todo o universo pisando em nosso quintal.

Momentos.

A caixa se abre lentamente e a radiosa figura de um homem ricamente ornamentado com pérolas, pedras preciosas, sedas cintilantes e brocados dourados se apresenta. A visão do Imperador é impactante e luminosa.

O Mestre e a filha se deitam no chão em sinal de respeito e não olham para a majestosa figura do Imperador que sai de dentro da caixa, com pompa e lentidão.

IMPERADOR – Nem os cocheiros das carruagens sabem em qual delas eu estou viajando. Sou praticamente um ser invisível. Lembrem-se: eu sou o filho do cosmo superior e do universo interior. Portanto, eu tenho a missão de ser imortal e desenhar uma realidade perfeita.

MESTRE / FILHA – Venerável Imperador, Senhor dos céus e da terra. Estamos honrados por sua visita.

IMPERADOR – Eu sou o senhor da terra, mas ainda não sou o Senhor de todos os céus. O universo superior ainda é um lugar que ainda não conquistei. Unifiquei todos os territórios da China, ordenei a construção de uma muralha com o sangue, ossos e carne fresca dos bárbaros da fronteira. E resolvi a questão das fronteiras do Império. Ninguém entra e ninguém sai sem minha autorização.

MESTRE – Com seu extraordinário conhecimento e poder resolveu todos os problemas de nosso povo. Seremos gratos eternamente.

IMPERADOR – Podem se por de pé.

O Mestre e a filha se levantam.

IMPERADOR (CONT'D) – Mas o caminho foi muito simples para atingir a magnitude do meu Império. Eu convoquei os homens mais sábios de meus domínios, porque eu também sou uma entidade sábia. E devido a isso eu resolvi o problema das terras com a muralha, dos rios com represas e do fogo...

Neste instante o Imperador atira um pó no chão, causando uma pequena explosão seguida de fumaça.

O Imperador dá uma risada enquanto o Mestre e a filha se assustam.

IMPERADOR – Isto se chama pólvora! Ou, se vocês preferirem, podem chamar de fogos de artifício. Não é impressionante?

MESTRE – Isso é magnífico!

FILHA – Nós preparamos para o Imperador a mais sofisticada e laboriosa comida. Entretanto, nós não somos pessoas ricas. Nós tentamos conseguir através de nossa simplicidade e submissão alcançar a melhor maneira de alimentar tão sublime figura.

O Mestre se aproxima da mesa e aponta para as louças chinesas repletas de alimentos coloridos e indefinidos.

MESTRE – É sempre bom lembrar que Sua Majestade não está na Corte, mas na casa de um humilde alquimista.

FILHA – Para começar, eu preparei um caldo de frutas frescas da floresta com cogumelos picados que surgiram no primeiro raio de sol da manhã.

IMPERADOR – Raramente vimos esse tipo de comida nos banquetes imperiais em Beijing. É realmente uma comida campesina. Exótica.

O Mestre aponta para outra comida na mesa.

MESTRE – Aqui nós temos pequenos ovos de pássaros da floresta, descascados e envolvidos em diferentes vegetais. Repare que cada pequeno ovo tem uma diferente coloração. Dependendo, é claro, do vegetal. E o sabor de cada um deles é completamente diferente, porque eles ficaram enterrados debaixo da terra e sobre ela ardeu uma fogueira por três dias. E assim eles foram cozidos. É um prato extraordinário.

IMPERADOR – Sim... Os famosos ovos que são cozidos no coração da terra por três dias.

FILHA – E do rio pescamos esses peixes vermelhos sem espinha que foram assados numa seiva energizante e recheados com ervas aromáticas da estação.

IMPERADOR – E isso é o quê?

MESTRE – Pato. O peito foi iluminado pelo luar durante a noite. E ao amanhecer levemente fritos com vários tipos de folhas de papoula.

IMPERADOR – Sim, o ancestral cortesia do povo chinês.

O Imperador aponta para uma tigela sobre a mesa.

IMPERADOR (CONT'D) – E isso deve ser o porco laqueado com vegetais.

FILHA – Claro. Nosso prato tradicional para trazer boa sorte.

MESTRE – Nós também preparamos chás. Vários tipos de chás. Algumas infusões são especiais porque só podem ser feitos com as folhas de uma determinada erva de nossa região.

O Imperador levanta o braço.

IMPERADOR – Basta! Não vim aqui para comer ou beber. Para isso eu tenho cozinheiros e vassalos. Talvez vocês queiram me envenenar...

MESTRE – Não, não, longe disso Supremo Imperador! Nós sequer pensamos nessa possibilidade. Seria ultrajante para nossa família e nossos ancestrais.

FILHA – Nós somos seus súditos mais fiéis e é uma honra receber em nossa humilde casa sua presença Imperial e magnífica.

O Imperador dá uma gargalhada.

FILHA (CONT'D) – Se o glorioso Imperador me permite, o que busca na casa de meu pai, já que dominou a terra, o fogo e a água?

O Imperador gargalha novamente.

IMPERADOR – O propósito de minha visita é conhecer a melhor invenção já produzida pela mente e inteligência de seu pai. Infelizmente ele não sabe o que descobriu. Mas eu sei. Percebi imediatamente quando li a mensagem a razão específica deste estranho líquido.

MESTRE – Meu Imperador, como um alquimista, é verdade que eu criei uma nova substância, mas como disse, eu não descobri nenhuma função específica para este líquido.

FILHA (*Falando baixo*) – Pai, ele vai nos matar. MESTRE (*Falando baixo*) – Quieta.

IMPERADOR – Mas para que serviria esta descoberta? Não é sólida, não é líquida, trata-se de uma substância impossível de manusear. Todavia, se tocarmos nela, ela se transforma em milhares de pequenas partículas e depois é capaz de se juntar de novo e ter uma outra forma. Sua composição química é rara e única.

MESTRE / FILHA – Nós não sabemos, Supremo Imperador.

IMPERADOR – Mas eu sei para o que serve. Recebi uma inspiração dos céus e eu descobri. Por isso vim aqui. Tragam imediatamente esse estranho líquido. Deixe-me ver.

Eles mostram uma bandeja tomada de mercúrio líquido. O líquido prateado dança sobre a bandeja.

O Imperador coloca o dedo dentro e toca o mercúrio. Ri e demonstra grande felicidade.

IMPERADOR – Magnífico! A divina substância. Jamais imaginada. Eu busquei esta substância por anos a fio. Este líquido é mais pesado que o sangue, mas ele é o único que vai me levar para a outra vida. Isto é sangue metálico! Minha câmara funerária foi construída em um local secreto. Eu ordenei a construção de centenas de soldados armados feitos de terra, cavalos, comidas de terracota, pirâmides subterrâneas, roupas, uma Corte inteira. Um universo que vai me manter no outro mundo. Será meu paraíso após a morte! Mas faltava o fluido cósmico para irrigar como sangue minhas veias. Um líquido que não fosse nem sangue nem água e que me proporcionaria vida na eternidade: a imortalidade! E aqui está ela: a seiva da eternidade!

FILHA – Pai... Talvez o que vá acontecer seja o posto do que pensávamos.

MESTRE – Supremo Imperador, senhor do Universo...

IMPERADOR – Não discuta comigo! Eu sou feito a imagem e semelhança de Deus. E eu sei perfeitamente o que digo, o que eu quero e para onde irei. Eu quero ser imortal.

MESTRE – Imperador, eu rogo para que não beba essa infusão de mercúrio.

O Imperador dá outra gargalhada.

IMPERADOR – Que situação mais irônica! Eu atravessei meu Império para vir aqui comer e beber essa substância prateada, e vocês me oferecem ovos, pássaros, peixes e patos. Francamente...

Imperador leva a bandeja junto à boca, mas não bebe. Instantes. Ele se lembra de alguma coisa.

IMPERADOR – Eu ordeno a vocês que me coloquem na carruagem imperial número trinta e sete e chame o cocheiro imediatamente. Ele me levará para a pirâmide subterrânea em Pequim. E agora tenho certeza que serei imortal.

Instantes. Ele bebe. Instantes. Seus olhos ficam esbugalhados, sua boca começa a escorrer sangue, pernas e braços enrijecem e não se movem e, por fim, ele respira ofegante. Dá um suspiro e cai morto.

FILHA – Os olhos ficaram esbugalhados, a hemorragia foi tão intensa que o sangue escorreu pela boca. Seus membros ficaram enrijecidos e retorcidos e ele não teve tempo nem de pedir ajuda... A respiração ficou ofegante e se apagou. Um quadro de horror, papai. Por que você não avisou ao Imperador que quando

alimentou o nosso cão com o mercúrio, o animal morreu sem dar um latido? Essa substância é puro veneno.

MESTRE – Porque se ele soubesse a história do cachorro, nos teria matado. Nós devemos a nossa vida ao sonho de imortalidade do Supremo Imperador. Que ideia mais pretensiosa! Graças a ilusão da imortalidade nós estamos vivos.

A filha e o mestre colocam o corpo do Imperador dentro da caixa e fecham a porta. Instantes. Rufar de tambores. Luzes se apagam lentamente.

E então se ilumina a figura de um guerreiro chinês feito de terracota.

FIM

O PODER DO NADA

Original de Doc Comparato - Peça Teatral de 10 minutos

Resumo: A irmã de um artista recorre à Alta Corte de Veneza ao redor de 1500 para pedir clemência por um pretense crime cometido pelo seu irmão Francisco, artista.

Personagens:

1 – **Mulher de Negro**, irmã do artista. Senhorita inexperiente, chorosa, que tenta convencer os juízes da inocência do seu irmão. Apesar da frágil aparência, ela discute à altura com os Juízes Senadores.

2 – **Senador 1**, juiz, homem aristocrático. Conservador e observador rigoroso da letra da lei. Na verdade defende seus interesses.

3 – **Senador 2**, juiz, homem aristocrático. Conservador. Mau caráter. Defende o *status quo* da República de Veneza.

Nota: Esse texto de teatro, mesmo sendo inspirado em fatos reais, é inteiramente ficcional.

O PODER DO NADA

INT. – SALA DE AUDIÊNCIA. VENEZA – DIA

Estamos em Veneza ao redor de 1500 d.C. Na Corte de Justiça. Os juízes são dois senadores designados pelo Duque. O governo local é um ducado, regido por um mandatário chamado Dodge, assessorado por um grupo de senadores vitalícios. Uma mulher vestida de negro está chorando. Ela tem o rosto coberto por um longo e fino véu negro. Os senadores também vestem togas negras sobre as quais pendem grossos colares de prata. Eles sobrem uma escada e sentam numa cadeiras altas em frente a uma mesa altíssima. Sobre a mesa existem papéis e livros grossos. Também, em destaque, vemos um enorme sino de metal. Atrás deles existe uma bandeira medieval, com as cores e o brasão da chamada República de Veneza.

SENADOR 1 – Não faz sentido. Nós nem começamos o julgamento e essa jovem senhorita já está chorando

SENADOR 2 – Silêncio! A corte ainda não começou os seus trabalhos, e a jovem já está desesperada. Por favor, prezada jovem, contenha-se. Seu choro é alto e estridente, chega a incomodar os meus ouvidos.

MULHER DE NEGRO – Honoráveis senadores, figuras máximas de Veneza, peço clemência. Rogo piedade, compreensão e misericórdia. O meu irmão é inocente. Ele não merece estar preso. Por favor, libertem meu do calabouço.

SENADOR 1 – Compreenda, por favor, essa corte é bastante civilizada e, acima de tudo, piedosa.

Senador 1 balança algumas vezes o enorme sino de metal.

SENADOR 2 – Está aberta a sessão desse ínfimo julgamento. Nós estamos no ano santo de 1518 na Sereníssima República de Veneza, regida por Sua Excelência o Dodge, autoridade suprema dessa grande nação. Todos o conhecem como o Duque.

Senador 2 dispõe alguns papéis sobre a mesa.

SENADOR 1 – Como a jovem pode notar, os arquivos referentes às acusações contra seu irmão são pouco extensos. Eu até poderia afirmar que tem pouco peso jurídico.

SENADOR 2 – Eu até poderia dizer que o problema em questão é referente mais à situação absurda que vive o povo de Veneza do que realmente a um desvio de conduta do seu irmão.

MULHER DE NEGRO – Eu não entendi o que o nobre Senador quis dizer com isso. Me desculpe.

SENADOR 1 – Bem todo este julgamento e situação é como se fosse uma órbita em torno de um único tema: livros. Assim, gira, gira, gira... É o mesmo problema.

MULHER DE NEGRO – Então quer dizer que os Excelentíssimos Senadores entendem perfeitamente o que aconteceu?

SENADOR 2 – Caro colega Senador, existem mais casas editoriais situadas em Veneza do que bordeis. Veja aonde fomos parar... Tudo por causa deste tal Gutemberg e sua diabólica máquina de tipos móveis, que tem a capacidade de imprimir pilhas de livros em questão de horas. A verdadeira cultura desapareceu!

MULHER DE NEGRO – O que o magnífico Senador está querendo dizer?

SENADOR 1 – Livros nascem agora como se fossem ninhadas de ratos. Os equipamentos tipográficos funcionam dia e noite. Há uma proliferação incontrolável.

MULHER DE NEGRO – Pelo que foi dito... Eu pensei que os senadoras estavam apreciando os livros como bens necessários, como um avanço.

A jovem começa a chorar de novo.

SENADOR 2 – Por que essa mulher não para de chorar?

SENADOR 1 – Ela não entendeu até agora o que é um livro. O irmão foi preso, e ela está perdendo seu tempo aqui. Além do mais, ele é um mentiroso.

SENADOR 2 – O que esses autores pensam que são? Por acaso a jovem conhece os direitos legais? O conhecimento é público. Se existe algo chamado saber, este só pode ser público.

SENADOR 1 – Deus escreveu a bíblia. Nós não pagamos direitos a Deus por isso. Por que razão deveríamos pagar alguma coisa ao seu irmão?

MULHER DE NEGRO – Meu irmão reivindica o direito de criação.

SENADOR 1 – A criação é um dom divino, dado por Deus, sem cobrar nada por isso.

SENADOR 2 – É pura inspiração. Se a senhorita insistir nessa linha de raciocínio absurda e herética, nós não chegaremos a nenhuma forma de entendimento.

SENADOR 1 – Além do mais, os livros são recheados de mentiras.

Senador 2 pega um livro e o levanta.

SENADOR 2 – Está vendo esse livro? O título chama-se “Utopia”, e neste trabalho é descrito um mundo imaginário, sem dinheiro ou propriedade privada. O autor preocupado com a felicidade coletiva e com organização coletiva da agricultura, da produção, da cultura, tudo isso sem nenhum fundamento religioso. Claro que o autor só poderia ser inglês!

Senador 1 afasta o livro.

SENADOR 1 – Meu amigo, abaixa e fecha este livro. Existem livros piores que este.

MULHER DE NEGRO – Não entendi. Então, os senadores vão soltar o meu irmão?

Senador 1 pega outro livro, abre e lê uma parte do texto.

SENADOR 1 – E este autor ensandecido, que descreve o futuro? Ele escreveu que vão existir cogumelos gigantes que espirram fogo e matam humanos... (Lendo) Pássaros de metal voando e cruzando os céus: Peixes de metal vão navegar no fundo dos oceanos; e isso será o princípio do fim. (PAUSA) Multidões fenecendo de fome e doenças, novas pragas surgirão, e os injustiçados irão vagar sem direção. (PAUSA) Os árabes vão invadir a Europa com seu óleo negro e o mundo vai se transformar. Generais vão se proclamar reis. E imperadores corruptos vão vender seus próprios súditos, por ouro. (PAUSA) O povo. Os cidadãos serão proibidos de proclamar seu próprio mandatário. E o último Papa se chamará Pedro II e aí será o fim, o apocalipse.

SENADOR 2 – Isso é terrível. Este livro é uma grande farsa. Não peca seu tempo lendo “Nostradamus” e suas alucinações.

Senador 1 fecha o livro.

SENADOR 1 – É um francês que pensa que é um profeta. Era só o que faltava.

MULHER DE NEGRO – Por que os senadores acham que os livros enganam e são mentirosos?

SENADOR 2 – Porque os monges que copiava os manuscritos eram santos.

Senador 1 pega o sino e balança várias vezes.

SENADOR 1 – A imprensa é uma prostituta que deveria ser banida. E seu irmão apenas criou uma linha de letras que ele batizou de itálicas. Se ele tivesse pintado um quadro, feito uma joia... Mas desenhar um conjunto de letras? Quem em Veneza vai querer saber de onde vem um tipo de letra que aparece num livro?

MULHER DE NEGRO – Todos os editores, inclusive vossa companhia de publicação. É um letra estreita, leve e prática. Além do mais, elegante. É um trabalho de criação artística.

SENADOR 2 – Ah! A criação artística? O livro traz na capa o título, o nome do editor e o banqueiro que arriscou o seu dinheiro nessa aventura. O resto é supérfluo, e não interessa ao leitor. Escute: nem o autor, nem o artista que trabalhou na criação necessitam ser citados. Esta é a lei em Veneza.

Senador 1 mostra um documento oficial.

SENADOR 1 – Não se esqueça, minha jovem, que a senhorita veio aqui para discutir com os Senadores da Sereníssima República de Veneza. Que petulância o seu irmão requerer dinheiro pela autoria do desenho de algumas letrinhas.

MULHER DE NEGRO – Letrinhas não. Um alfabeto inteiro!

Senador 2 pega o grande sino e sacode.

SENADOR 2 – Silêncio! A jovem veio aqui somente para assinar o documento de pedido de perdão pela audácia cometida pelo seu irmão, que acreditava que ia ser pago por esta tal criação artística.

Mulher de Negro se aproxima dos juízes. O Senador do topo da mesa alta entrega a ela o documento oficial e uma pena. Ela pega a pena e lê o documento. Ela hesita.

MULHER DE NEGRO – Um dia isso vai acabar.

SENADOR 1 – É melhor não chorar de novo, e assinar logo o documento. Isso porque em Veneza nós somos muito complacentes. Se fosse em outro lugar da Península Itálica, seu irmão seria condenado à morte. A senhorita... Vai ou não vai assinar?

SENADOR 2 – Ela não sabe o que fazer. Mas, lembre-se, quem gira esse mundo aqui são os Senadores e o Duque.

MULHER DE NEGRO – Será que os Excelentíssimos Senadores sabem o que li sobre o Duque? O Grande Duque... Ele possui uma cabeça de ovo podre. Sem cabelo, suas bochechas são pálidas, os olhos são tão fechadinhos que parecem as fissuras de um ânus, cercado de pés de galinha. Ele é praticamente cego, e fede como um queijo estragado. O seu nariz parece uma cenoura. Ele tem orelhas de abano, peito de pombo e tetas de vaca. Suas costas são retas e duras como o espaldar de uma cadeira. E ele tem uma barriga de sapo. Ele tem arqueadas e joelho de porco. Seu pênis é minúsculo com dois morangos pendurados. É coxo o infeliz do Grande Duque. Sua pele tem cor e cheiro de couve estragada. Enfim, um monstro.

SENADOR 2 – Isso é completamente inusitado. Não há precedentes nessa Corte. Nunca escutei tamanhas calúnias.

SENADOR 1 – Pior, são injúrias irreparáveis.

SENADOR 2 – Quem lhe contou isso? Ou melhor, de onde tirou essa coleção de fantasias maldosas?

MULHER DE NEGRO – De um livro. Escrito em letras góticas. Publicado por um editor... Qual é mesmo o nome da casa editorial? Ah o dono desta companhia é um juiz. Um Senador aqui presente. Qual é mesmo o nome dele?

SENADOR 1 – Não diga mais nada. Não vamos seguir adiante com este assunto. O problema aqui está restrito à criação e direito artístico. Aliás, esses livros todos vão ser queimados.

SENADOR 2 – Oh meu Deus! Que cabeça! Como não consigo controlar minha própria editora?

SENADOR 1 – Exatamente, Senador! Todos esses livros serão queimados, porque a figura do Grande Duque está ameaçada.

SENADOR 2 – Não, nossos pescoços é que estão ameaçados.

SENADOR 1 – Todo cidadão sabe que o Grande Duque é um homem distinto, bem apessoado, maravilhoso e inteligente. Sempre montado em seu cavalo branco, com as plumas azuis do seu chapéu ao vento.

SENADOR 2 – É isso e nada mais que isso. Ponto final. Jovem senhorita, vai assinar ou não vai o requerimento de perdão, e negar a autoria do seu irmão Francisco?

MULHER DE NEGRO – Estou em dúvida.

SENADOR 2 – Nós existe dúvida aqui, senhorita.

SENADOR 1 – Nossa benevolência tem um limite. E está chegando ao fim.

SENADOR 2 – E agora se não assinar, será a senhorita que irá presa por ofensa pública à Máxima Autoridade de Veneza. Assim, fará companhia a seu irmão.

Após um instante. A mulher assina o documento.

MULHER DE NEGRO – Pronto, assinei. Agora soltem meu irmão e nos deixem ir em paz.

SENADOR 1 – Nossa benevolência tem um limite. E está chegando ao fim.

Senador 2 pega o sino e balança novamente.

SENADOR 1 – O julgamento está encerrado. Seu irmão será solto imediatamente.

Foco de luz num grande jarro de vidro coberto por um pano. A Mulher de Negro se assusta.

SENADOR 2 – Todavia, algum tipo de castigo seu irmão teve de receber.

SENADOR 1 – Um trágico acidente ocorreu no calabouço.

Mulher de Negro se aproxima do jarro de cristal e vagarosamente começa a suspender o pano. Ela treme e começa a choramingar.

MULHER DE NEGRO – Não! Oh, meu Deus. Isso não é verdade. SENADOR 1 – Agradeça que não é o pescoço. MULHER DE NEGRO – Ele não merecia isto. É apenas um artista sonhador...

SENADOR 2 – Artistas são instáveis. Ele poderia cometer o mesmo tipo de deslize outra vez.

A jovem retira o pano totalmente, e vemos a mão direita de seu irmão boiando num fluido claro. Sua mão direita foi cortada, a imagem é chocante.

MULHER DE NEGRO – A mão do direita dele! Ele nunca mais vai poder desenhar...

SENADOR 2 – Um terrível acidente, mas acima de tudo uma lição. Comprova que a autoria criativa não deve se recompensada.

SENADOR 1 – Artistas são como pássaros que voam livremente. Mas sempre acabam nas gaiolas do poder.

Senadores começam a rir. Luz geral cai paulatinamente.

Acende-se foco de luz e ilumina a mão avermelhada no líquido do jarro. A jovem começa a chorar.

FIM

PECADO MORTAL

Original de Doc Comparato - Peça Teatral de 10 minutos

Resumo:

Um Monsenhor no Vaticano entre 1800 e 1900 deve apreciar a oferta de uma doação milionária de um fiel brasileiro para a Igreja cuja contrapartida seria um século de missas diárias para a alma do doador. Para estudar melhor o processo solicita o auxílio de um padre banido que serviu no Brasil. O Monsenhor tem uma freira como serviçal e assistente. A ação se passa no momento em que surge uma oportunidade de sucessão no Vaticano, porém o Monsenhor tem a saúde e o poder ameaçados enquanto delibera sobre o caso. No final surpreendente descobrimos a razão.

Personagens:

1 – **Monsenhor**, jovem pedante, refinado, autoritário, é levado pelo orgulho a se transformar em tudo aquilo que abomina.

2 – **Sacerdote banido**, padre sincero, honesto e inteligente, questiona as posições do Monsenhor e da Igreja. Após missão no Brasil, foi banido das altas esferas do Vaticano. Se torna amigo do Monsenhor.

3 – **Freira**, jovem, prestativa, atenta e serviçal. Aparentemente defende o Monsenhor com unhas e dentes. Acaba revelando outra face de sua personalidade. A falsidade.

Nota: Esse texto de teatro, mesmo sendo inspirado em fatos reais, é inteiramente ficcional.

O PECADO MORTAL

INT. – GABINETE DE MONSENHOR. ROMA – DIA

Estamos em Roma ao redor de 1800/1900. No gabinete de um Monsenhor. Existe uma grande mesa e ao lado um pano branco cobre uma grande cruz de madeira. Uma freira arruma uma bandeja sobre a mesa, enquanto conversa com um sacerdote que caminha pelo local.

FREIRA – Monsenhor não gosta de repetir comida. O que ele come no almoço, não repete no jantar. A comida dele deve estar sempre, sempre fresquinha. Ele é um ser requintado. Segue todas as regras. E ele é muito querido aqui no vaticano. Pressinto que ele será bispo.

SACERDOTE – Obrigado irmã, pelas informações relevantes e outras irrelevantes.

FREIRA – Por que irrelevante, irmão? Por que disse refinado? Segue todas as leis? Está insinuando que eu sou burra? Mas não sou eu que vivo na Casa de Pensões Para Sacerdotes Banidos, Aposentados e Esquecidos. Eu sirvo no coração do Vaticano, na ala Episcopal, padre.

SACERDOTE – Então, um pouco de humildade talvez lhe fizesse bem... Lá não temos irmãs para nos ajudar, como a senhora sabe, ou melhor, temos umas poucas irmãs. Humildes, pobres e abnegadas. Efetivamente não é o lugar para uma freira que está acostumada a servir o futuro príncipe da Igreja. Portanto, lá não é lugar para a irmã, que só está acostumada ao ouro, incenso e mirra.

Entra o Monsenhor.

MONSENHOR – O Senhor esteja convosco! Viva o ano Santo de 1850.

AMBOS – E com o Monsenhor também!

MONSENHOR – Tive uma reunião esplêndida com o Cardeal Pardelene. Como devem saber, ele deve assumir o Santo Ofício. Sem o Santo Ofício a Igreja não funciona. É a inquisição mantém o homem preso à moral.

SACERDOTE – Qualquer moral? Tanto a falsa quanto a verdadeira?

MONSENHOR – Duas morais? Na Igreja de Cristo só existe uma moral. Invisível e presente: é a fé. Não existe conflito, nem mistério na fé. E na fé só existe uma moral. A moral da Santa Madre Igreja. E ditada pelo Santo Ofício, cujo o inquisidor mor será Cardeal Pardelene, com quem eu tive um extraordinário encontro. E isto não se discute. Ponto final.

FREIRA – O seu almoço está exemplar. Uma salada silvestre. Uma massa leve al ragu, depois uma verdura com batatas e cordeiro assado. Uma torta de limão. Vinho...

MONSENHOR – Eu perdi o apetite, irmã. Aliás, está repetindo a massa al ragu várias vezes...

FREIRA – Recordarei sua observação para a próxima semana. Com vossa licença.

Freira pega a bandeja e sai.

SACERDOTE – Essa irmã não teve o mínimo respeito para comigo. Nada. Nenhum.

MONSENHOR – Talvez o reverendo não tenha se dado ao respeito.

SACERDOTE – Monsenhor, já estou cansado de ouvir frases feitas. Até agora, eu não sei porque fui banido da hierarquia da Igreja. Não sei... Não sei. Cada dia que passa conheço mais casos de pessoas que são banidas, são tragadas da Igreja, da vida. Pergunto a razão e as pessoas não têm explicação. É o desígnio de Deus? É um castigo de Deus? Ou não é um castigo? É uma prova? Ou ninguém está vendo o castigo que está se passando? E assim eu fui banido. Um dia passei a não frequentar... A não ser convidado para as missas do Cardeal. Primeiro fui retirado do meu posto no Vaticano. Depois fui mandado para o Brasil. Do Brasil voltei, mas fiquei sem função, e assim foi escorrendo o tempo até que, acabei sendo sutilmente absorvido pelo Colégio dos Padres Aposentados e Banidos. Uma terra de ninguém, onde nada acontece. Apesar de todos os meus trabalhos, títulos, posições e contatos. Os anéis se foram... Por tudo isso... Talvez essa irmã esteja repleta de razão. Eu não me dou ao respeito.

MONSENHOR – Mas o senhor falava verdades em público. Fazia observações sarcásticas. Questionava. Com um olhar parecia dissecar o caráter do outro. Isso pode ser muito ameaçador.

SACERDOTE – Nunca tive essa capacidade. E se tivesse, não é da minha conta o caráter do outro, contanto que não me atinja... Pode parecer tolice, uma defesa infantil... Mas acho que fui banido por ter sido ingênuo. Eu fui ingênuo. Outros fizeram coisas piores e são atualmente bispos e até cardeais. Eu fui bobo.

MONSENHOR – Isso nunca saberemos. O importante é que está castigado, sem fazer nada e fazendo de um tudo. Banido do mundo. E eu, para dar meu parecer sobre um certo processo oriundo do Brasil, que será assinado depois por Sua Santidade, o Papa, necessito de alguém que me fale sobre o Brasil. Me dê algum tipo de informação e assine o parecer como conhecedor dessa terra tão longínqua, entendeu o que eu disse? Estou lhe proporcionando uma atividade, no lugar de ficar perguntando a Cristo por que foi banido.

SACERDOTE – Já cansei de perguntar a Cristo. Ele não responde. E quando pergunto aos amigos a razão, a palavra em si parece ser algo contagioso. Todos dizem: Banido! Quem é que está banido? E ficam cegos, surdos e mudos, isto é, em outras palavras, uns hipócritas.

MONSENHOR – Está chamando o Clero de hipócrita? Xingando? Blasfemando? Seus próprios colegas? Está à procura de mais castigo?

SACERDOTE – Não acredito no castigo humano. Tenho muito questionamento sobre o castigo divino... Já vi perversos felizes e puros sofrendo. Não vejo justiça nesse mundo, nem no castigo.

Silêncio.

SACERDOTE (CONT'D) – Deve estar tudo concentrado na outra vida... Por favor, me explique: O que dita o processo sobre o Brasil?

MONSENHOR – Esse homem, Senhor Joaquim, José... Senhor... Silva. Não importa... Está aqui no documento... Ele comprou um milhão de missas em memória de sua alma. Na verdade ele quer comprar um século de missas. Todo dia uma missa. Pagou em patacas de ouro. Adiantado, é claro. É dono de todas as minas de ouro, da província de São Paulo à Floresta Central. Essas terras são tão ricas assim? Alguém pode ser dono de todas essas minas de ouro?

Todo dia uma missa em memória de sua alma. Um tesouro... Durante cem anos.

SACERDOTE – As terras são riquíssimas distribuídas em monopólios. Um poucas famílias dominam o país inteiro. Um homem é dono das minas de ouro, outro é dono dos cafezais, um outro dos diamantes... E a pergunta é: A Igreja Católica vai cumprir um século de missas diárias? É um longo trato.

Monsenhor lendo o papel.

MONSENHOR – No centro da província de São Paulo, na Igreja de Nossa Senhora de Todos os Santos, às cinco horas da manhã, exceto nos dias santos, feriados e domingos"... A igreja vai cumprir. A igreja tem vários séculos de existência, ela mantém em seu seio até os banidos.

Entra a freira.

FREIRA – Desculpe interromper, Monsenhor. Correio urgente de Cardeal Pardelene. É um convite.

MONSENHOR – Abra e leia.

FREIRA – O cardeal está convidando o Monsenhor para a procissão vespertina que fará na via Maurício, o Monsenhor ficará à esquerda dele. Cristo, que glória! É uma posição muito honrosa.

Monsenhor dá um gemido. Coloca a mão na perna.

MONSENHOR – Uma dor súbita na perna. Tenho que me sentar. Meu Deus o que será isto?

Luz cai.

INT. – GABINETE DE MONSENHOR. ROMA – TARDE

Sobe a luz típica do entardecer. Monsenhor está sentado em uma cadeira com umabengala no centro do gabinete, ao seu lado está a freira e no outro extremo o sacerdote.

MONSENHOR – Não poder ter ido a procissão do Cardeal foi uma falta relevante. Isto vai me prejudicar na hierarquia do Vaticano.

FREIRA – Não foi culpa do Monsenhor. Foi a perna.

MONSENHOR – Quem ficou no meu lugar?

FREIRA – Monsenhor Telmo.

MONSENHOR – Aquele espanhol nojento que cospe na gente enquanto fala. Falso. Ele quer ser bispo e não sabe nada de Teologia. Tem tudo para alcançar a glória.

SACERDOTE – Monsenhor perguntou a Cristo se foi um castigo? Pode ter sido uma revelação. Um desígnio.

FREIRA – Cristo jamais iria castigar o Monsenhor! O Espírito Santo não deixaria. Vou lá dentro buscar um pouco mais de unguento. Com vossa licença.

Freira sai.

SACERDOTE - A irmã trata o Monsenhor de modo muito especial. Existe alguma coisa que eu não possa saber?

MONSENHOR – Não seja maldoso. O que quer dizer com isto? O que está insinuando?

SACERDOTE – Eu não estou insinuando nada. Só estou constatando. O banimento começa assim... Com nada. É um tropeço no ar. E Deus começa a castigar através dos homens. É um nada de ar que se congela num horripilante boneco de gelo.

MONSENHOR – Uma artimanha do demônio. Logo estarei bem da perna e irei levar pessoalmente o relatório ao Papa para ser aprovado. Vamos aprovar. Um século para a Igreja de Cristo não é nada. Receberemos as fortunas dessas minas, o ouro e vamos dar a palavra de que num século haverá missas diárias pela alma do falecido Silva.

SACERDOTE - Isso é um absurdo. O futuro é imprevisível. Como podemos dar certeza a este homem de que num século teremos missas diárias na província de São Paulo em memória de sua alma? O futuro é imprevisível, mesmo para Igreja Católica, a mais antiga das empresas sobre a Terra, não conseguimos dar garantia sobre as nossas próprias vidas. Da minha, da sua...

MONSENHOR – A Igreja é infalível em fé, religião e moral, essa é a garantia. E isso é um dogma católico. Todas religiões têm seus dogmas. São mistérios de cada credo que devem ser seguidos sem questionamento. E por tudo isso eu serei um bispo e você se tornou um banido. Vamos, pegue a pena, assine. Assine. Fiz todos os cálculos e eu consegui tirar vinte e cinco anos. Agora só

teremos que celebrar setenta e cinco anos no altar central. As outras podem ser em altares laterais e algumas suprimi por razões canônicas.

O sacerdote pega a pena e assina.

SACERDOTE – Não tenho dúvida. O Monsenhor será bispo.

Nesse instante o Monsenhor fica de pé e coloca a mão sobre a outra perna.

MONSENHOR – Ai... Ai... Minha outra perna. Não posso ficar de pé com a bengala, minha outra perna também está doendo.

Entra a freira com o unguento.

FREIRA – ... É um correio expresso do Brasil que já chegou aberto do papado. Já sabem da notícia? O senhor Silva morreu...Eu trouxe o unguento... O que que está acontecendo?

Cai a luz.

INT. – GABINETE DE MONSENHOR. ROMA – NOITE

Volta a luz, candelabros acesos. O Sacerdote conversa com o Monsenhor, que se sustenta por duas bengalas. O pano branco que pendia sobre o grande crucifixo desapareceu.

MONSENHOR – Eles querem que eu use muletas. Não quero muletas. Prefiro andar com duas bengalas. Esses médicos não sabem de nada. Uma doença desconhecida que ataca os nervos e a coluna, e que imobiliza os músculos da perna. Deviam saber. Que doença é essa? Que micróbio é? Onde eu peguei?

SACERDOTE – E os efeitos já começaram, não é? Não levou o processo ao Papa e eles mandaram Dom Telmo.

MONSENHOR – Tudo o que sai da sua boca vem com cheiro de enxofre. Parece o próprio satanás.

SACERDOTE– Mas o Monsenhor odeia Dom Telmo. Quer vê-lo morto. O chama de pestilento. Todavia não tem inveja de Dom Telmo. Curioso sentimento a inveja. Tão impetuoso como o castigo.

MONSENHOR – É verdade. Eu odeio dom Telmo. Mas eu não tenho inveja dele.

SACERDOTE – Porque não quer ser ele. Não deseja possuir aquela figura medíocre. Ter aquele mau hálito, aquela boca, aquele olhar de boi... Aquele desconhecimento... E então se pergunta: como posso odiar uma coisa tão asquerosa? E assim ninguém tem inveja dele. Isso é uma grande vantagem sobre os outros seres humanos, eu suponho. Ele é odiado, mas ninguém sente inveja dele porque ele em si já é um castigo da natureza.

MONSENHOR – Em outras palavras: o banido é filho da inveja e não do ódio.

SACERDOTE – Exatamente. O clero odeia Dom Telmo e inveja o Monsenhor.

MONSENHOR – O que a doença nos meus nervos tem a ver com isso?

Entra a freira.

MONSENHOR – E agora irmã, o que foi?

FREIRA – Saiu a lista dos futuros bispos... Infelizmente o Monsenhor não está contemplado, problemas de saúde.

SACERDOTE – E Dom Telmo?

FREIRA – É um dos primeiros nomes na lista. Aliás, ele mandou essa lembrança e disse que estima muito a sua melhora.

Freira entrega para o Monsenhor uma bengala. O Monsenhor pega a bengala.

FREIRA (CONT'D) – Ele afirmou que para caminhar, em alguns casos como o seu, três bengalas são muito mais cômodas que duas bengalas.

MONSENHOR – Aquele cão sarnento. Quero empalar ele com uma bengala. Do ânus até a boca.

FREIRA – Desconheço essa reação e suas palavras, Monsenhor. Não é digna de sua figura. Não está à altura do Monsenhor.

SACERDOTE – Quem a irmã pensa que é para se meter assim na vida dos prelados? Achar o que é digno e o que não é digno, apropriado ou não?

MONSENHOR – Por favor, basta. Basta... Basta... Basta... Não há razão para esta discussão. Eu perdi o controle.

FREIRA – Eu sou a irmã Angélica Pardelene. Da família do Cardeal Pardelene. Temos muito poder no Vaticano e por isso posso ser intrometida. E ele me escolheu para servi-lo, porque sabia da minha origem e que eu poderia ser útil. O Monsenhor também tem o seu livrinho de maldades.

MONSENHOR – Se já não respeitam a minha pessoa, pelo menos, respeitem a minha enfermidade.

Sacerdote e freira baixam as cabeças.

MONSENHOR (CONT'D) - Algo mais?

FREIRA – Dom Telmo também mandou avisar que, na transcrição da ata para o Papa, como é usual, ele retirou mais vinte e cinco anos do processo. Agora serão apenas cinquenta anos de missas diárias.

Luz cai.

INT. – GABINETE DE MONSENHOR. ROMA – DIA

Volta a luz. Passa o tempo. É dia. O Monsenhor está com quatro bengalas. Duas de cada lado e o sacerdote a seu lado. O Monsenhor parece uma aranha. O Sacerdote pega duas bengalas e enquanto a freira, com uma pena, estende uma mesinha para o Monsenhor assinar os processos.

FREIRA – São processos antigos que mereciam sua assinatura. Outros são acompanhamentos de petições. E alguns são encerramento de gestão.

Monsenhor assina. De repente para e se detém em um processo.

MONSENHOR - Mas, esta é a petição do Da Silva... O que aconteceu? Ele não terá os cinquenta anos de missas?

FREIRA – Uma lástima. A igreja vai vir a baixo e vão construir uma outra igreja, muito mais ampla. Acho que vai ser uma catedral. Nesse caso a nossa parte ficou toda comprometida e vamos por uma placa comemorativa no lugar das missas.

SACERDOTE – E as patacas de ouro serão devolvidas para a família?

FREIRA – Ele não tinha família. Aliás, o documento tem de ser assinado pelos dois. Já que foram os primeiros a receber e a confirmar a petição. Por favor, assine aqui.

O sacerdote pega a pena e assina.

SACERDOTE – Caso raro. O senhor Silva foi o único que conheci banido pós morte.

MONSENHOR – A Igreja não erra. Cristo não erra. O Papa não erra. FREIRA – Muito bem, Monsenhor.

MONSENHOR – Existe alguma possibilidade do meu nome constar na próxima lista dos pretendentes a bispo?

FREIRA – Assine, Monsenhor... Assine a petição.

MONSENHOR – Claro... Claro. Uma placa comemorativa. Não haverá mais missa. Tudo resolvido. A placa de mármore solidifica o desejo de um fiel servidor do Senhor... No lugar de um milhão de missas, uma placa de mármore. Uma troca justa.

O Monsenhor assina.

FREIRA – Agora assine este outro aqui. Uma mudança do seu local de trabalho. Dom Telmo virá para o seu gabinete. E o Monsenhor vai viver na Casa de Pensões para Sacerdotes Banidos, Aposentados e Esquecidos...

O Monsenhor entrega sua quatro bengalas à freira. E ele se senta numa cadeira de rodas.

MONSENHOR – Vi um gato grande correr pelo corredor do primeiro andar e pegar um rato. Matou pelo pescoço. O sangue escorreu. Tive medo.

SACERDOTE – Bobagem. Foi sonho.

Monsenhor na cadeira de rodas e o sacerdote ao seu lado. A freira sai com as bengalas.

MONSENHOR – Depois que se cai no vazio, nunca mais saímos.

SACERDOTE – O vazio e a inveja são sinônimos de banido. Não tem limites. Ou melhor, não se sabe onde fica. Em minhas andanças pelo Brasil confessei

um homem jovem que era dono dos escravos tigrés, toda aquela gente que recolhia os dejetos das casas... Por causa das fezes que escorriam das barricas, ficavam com o corpo pintado como se fossem tigrés e rodeados de moscas, cheirando mal. E o povo achava aquilo parecido com as manchas dos tigrés... Pois não é que a vila onde morava resolveu fazer um sistema de esgoto e acabar com os homens tigrés. E como ele era especialista nesse tipo de escravo e negócio: mexer com merda. Ele perdeu a utilidade. Deixou de ter função na vida. Virou um homem vazio. Então: o banido existe em todos os lugares. Até entre os carregadores de merda.

O Monsenhor em sua cadeira de rodas e o sacerdote ao seu lado.

MONSENHOR – Vou escrever uma carta pedindo perdão para o Papa.

SACERDOTE – Perdão de quê? Não sabe por que aconteceu?

MONSENHOR – Tenho várias teorias. Mas nenhuma me convence.

O Sacerdote empurra a cadeira de rodas do Monsenhor. Eles saem de cena. Luz cai lentamente. Foco sobre a freira segurando um candelabro aceso.

FREIRA – Eu sou irmã Angélica Pardelene. Oriunda da Família do Cardeal Pardelene, nós temos muito poder no Vaticano, e eu não sou empregadinha de ninguém. Meu tio escolheu ser servido por Dom Telmo. Na região em que eu nasci existe um tipo de cogumelo que, depois de seco, pode ser ralado até virar um pó. Ele é poderoso. Se usar dia após dia na comida de uma pessoa, ele envenena os nervos e, praticamente, paralisa os músculos da perna.

Ela ri e sopra a chama do candelabro. Tudo escuro.

FIM

O PNEU VERDE

Original de Doc Comparato - Peça Teatral de 10 minutos

Resumo:

Estamos na década de 1920/30. Os pneus são feitos com látex que se retira das seringueiras do Amazonas, Brasil. A Ford, maior fabricante de automóveis constrói a Fordlândia, uma fazenda só de seringais para a produção do látex para seus pneus. Todavia, atos inesperados acontecem e levam o empreendimento a uma situação insustentável.

Personagens:

1 - **Mary** é uma funcionária, de origem inglesa, que trabalha como professora e assistente do Mr. Parker, o americano administrador da fazenda. Sonhadora, apaixonada, mas dissimulada.

2 – **Mr. Parker** é o administrador americano da fazenda. Inteligente, perspicaz e toma atitudes drásticas frente aos acontecimentos.

3 – **Evaristo**, capataz responsável pela equipe brasileira. Realista e testemunha dos atos inconsequentes que levam a queda do empreendimento. É alvo da paixão de Mary.

Nota: Esse texto de teatro, mesmo sendo inspirado em fatos reais, é inteiramente ficcional.

O PNEU VERDE

INT. – ESCRITÓRIO DA ADMINISTRAÇÃO FORDLÂNDIA – 1920/1930 – DIA.

Estamos no escritório de administração da Fordlândia do Brasil. A maior fazenda de seringueiras do mundo, responsável pela produção e exportação do látex de borracha para produção dos pneus da companhia Ford dos Estados Unidos. Mary é uma funcionária, de origem inglesa, que trabalha como professora e assistente do Mr. Parker, o americano administrador da fazenda. Existe ainda a figura de Evaristo, capataz e responsável pela equipe brasileira. Mr. Ford é o homem mais rico do mundo.

Nesse escritório de administração vemos, além do rádio, uma mesa com papéis, rolos de látex, plantas, microscópios e gráficos.

Foco no rádio que começa a transmitir sua programação com locução de um homem.

VOZ LOCUTOR RÁDIO (OFF) – E seguindo a empolgante aventura da nossa rádio novela, continuamos a relatar o resumo da semana: E Marcos depois de sua viagem ao oriente, de onde trouxe da China a fórmula da pólvora, do mercúrio e de uma nova engenharia para muros e fortalezas. Todos dados pelo bondoso imperador Ching. Marcos perdeu o pergaminho para os soldados banidos da tribo do deserto: os homens tigre. Um pergaminho todo escrito em letras itálicas. Fruto da arte renascentista, onde os artistas criavam belezas até com as mãos decepadas.

Estão presentes Mary e o capataz. Mary diminui o volume do rádio.

MARY – Você me ama, Evaristo? EVARISTO – A gente não se ama um ao outro, dona Mary. A gente tem um agrado.

MARY – Por isso que a Fordlândia não deu certo: Ninguém entende essa gente, nem essa floresta. Nem vocês que são daqui.

EVARISTO – Eu entendo um pouquinho dela. Mas este chão ninguém domina.

Volta a voz no rádio.

VOZ LOCUTOR RÁDIO (OFF) – E antes de chegar à Itália seu navio perdeu o rumo, e nem mesmo com a perna ferida, e usando uma bengala, ele chegou a Amazônia, onde se encontrou com umas mulheres de feições indo chinesas , ou melhor, foi seduzido pelas mulheres Amazonas! ...Mas graças a seu amigo médico foi salvo das garras dessas fêmeas, que provou que elas eram hermafroditas! Nesse momento, isto é, no capítulo anterior, Marcos está fugindo por uma gruta e descobre com sua lupa um pequeno veio de pedras douradas. Mal sabe ele que esse pequeno veio o levará à cidade de um milhão de missas...

Mary desliga o rádio.

MARY – Ele falou isso? Cidade de um milhão de missas?

EVARISTO – Eles traduzem as coisas do inglês pra nossa língua de qualquer jeito. A cidade de um milhão de missas, era como se falava antigamente, quando a pessoa morria, é sinônimo de morte. Ir para a cidade de um milhão de missas, quer dizer que morreu. E eu não acho que vão matar o Marcos na radio novela. Também não existe mulher amazonas. Nós vivemos aqui e sabemos que o que se escuta na rádio é mentira.

MARY – Por que escuta então?

EVARISTO – Porque me faz esquecer a verdade. MARY – Essa história dessa radio novela é o enredo mais maluco que eu já ouvi.

EVARISTO – A vida é muito mais, dona Mary. E a floresta então? Ela demonstra todos os sentimentos... Tem dia que ela não quer você lá, tem hora que ela te abraça... Ela não é fábrica não... Ela é sobrenatural.

MARY – Me abraça?

EVARISTO – Seu Ford ganhou do governo metade das terras do Pará. Desmatou. Depois em cada metro quadrado mandou plantar uma seringueira. O plano é produzir látex em série. Fazer pneu pro mundo inteiro. Seringueiro acorda às cinco. Café da manhã é cereal com leite, eggs, bacon... Não tem café não... Às sete estamos no seringal. Às onze é o tal do snack: é sanduiche e leite, descanso, voltar pra trabalhar. Às cinco da tarde tá liberado para o banho, às seis tem que orar e às sete... Potatos, ham and eggs. Mais leite. Soup. Sopa. Não dá.

MARY – Me beija. Sei. Vocês não estão acostumados com leite americano em pó. Todos têm diarreia, gostam de café. Peixe, carne salgada. Acordam às três da manhã. Caminham. Tomam café, cachaça e comem uma fruta. Acham a seringueira. Fazem os cortes. E assim vai... Comem às onze o que pescaram, o que caçaram, ou levaram. Meio-dia dormem. É quente. Ninguém trabalha. Depois tem a chuva, os mosquitos. Depois só voltam para casa para recolher tudo à tardinha... Já me contou esta história um milhão de vezes. Depois bebem, jantam e fazem. Amor... Me beija... Toma a caixa que te prometi.

Mary beija Evaristo na boca e depois lhe entrega um pequeno baú. Evaristo sai.

Foco sobre Evaristo se apaga. Entra Mr. Parker.

MARY (CONT'D) – Parker, querido. Você precisa entender que eles não estão acostumados ao leite americano em pó. Todos têm diarreia, gostam de café, peixe, carne de sol. Carne seca, peixe salgado. Gostam de acordar às três da manhã. Isso aqui não é Michigan... Caminham. Tomam café, cachaça e comem uma fruta. Acham a seringueira. Fazem os cortes. E assim vai.... Depois tem a chuva, os mosquitos. E depois um metro quadrado entre cada seringueira? Você não é botânico. Eu não sou botânica. A Ford não mandou um botânico. Só mandou administradores e engenheiros. E eu como professora de inglês dos filhos dos americanos. Uma seringueira precisa de espaço para viver. Pelo menos um campo de basebol entre uma e outra.

MR. PARKER – Você já falou isso inúmeras vezes. Parece novela de rádio. Repete... Repete... Repete a mesma história sempre.

MARY – Eu sou inglesa. E inutilidades me irritam.

MR. PARKER – Que tipo de inutilidades? As afetivas ou as profissionais? O que você está dizendo?

MARY – Onde quer chegar?

MR. PARKER – Você é uma fiel representante das reclamações dos agricultores brasileiros. Repete literalmente as palavras do capataz Evaristo. Dona Mary, até que ponto chega a sua relação com o capataz Evaristo?

MARY – Existe algum código moral da empresa que proíba relações íntimas entre os funcionários?

MR. PARKER – Não seja cínica. A senhora assinou um contrato de conduta moral. Principalmente em se tratando de uma professora.

MARY – Pois o senhor se enganou redondamente. Não há nada entre o capataz e eu. Eu me sinto ofendida com a sua pergunta.

MR. PARKER – Não perca seu tempo. Porque também proíbo de expressar sua opinião sobre os progressos dos seringais. Não temos tido bons resultados, mas existe uma região ao norte muito promissora. Por isso, qualquer palavra sobre o assunto é extremamente prematura. Creio que não temos mais nada a tratar.

Luz se apaga sobre Parker. Luz se acende sobre Evaristo. Ele se abraça a Mary. Rádio se acende e emite.

VOZ LOCUTOR RÁDIO (OFF) – E seguindo o veio dourado, Marcos chegou a cidade dos mortos. Uma espécie de reino encantado perdido no coração da Amazônia... Marcos encontra o túmulo do imperador da Atlântida, cercado de soldados de terracota, jade, mirra, incenso e ouro, muito ouro! Porém, o que Marcos não sabia, era que por trás de tudo aquilo, estava a figura da rainha das amazonas: Irmã Rainha Amazonas Pardelene, mulher que se apaixonou profundamente por ele, cujo desejo é transforma-lo em seu escravo.

Mary desliga o rádio.

MARY – Eu te amo tanto, Evaristo. Se você soubesse... Estou pondo minha vida em jogo. Contou para alguém? Mr. Parker está desconfiado...

EVARISTO – Não. Não venha com essa história de amorzinho de novo...

MARY – Me beija.

EVARISTO – A dona Mary me usa. Começando pela história do baú.

MARY – É sobre o baú que você está falando? Do fertilizante? Alguma coisa tem que dar certo nessa fazenda.

EVARISTO – Fertilizante. Dona Mary, por favor. Aquilo é veneno puro. Praga. Mal das folhas. Se espalha entre as seringueiras e mata tudo. Não nasci ontem não.

MARY – Pensei que fosse fertilizante... EVARISTO – Vai me explicar direitinho essa história. MARY – Agora não posso. Mr. Parker está chegando. Saia. Saia já.

Luz sobre Evaristo se apaga. Luz sobre Mr. Parker se acende. Rádio se acende.

VOZ LOCUTOR RÁDIO (OFF) – Marcos se escondeu atrás da pilastra e escutou a conversa. A mulher amazonas estava preparando uma poção mágica. Ela era uma mulher bonita. Marcos poderia se aproveitar da situação, mas agora sabia que o vinho continha um veneno fortíssimo.

Rádio se apaga e não emite mais som. Mr. Parker entra portando um pequeno baú. Luz sobre ele e Mary.

MR. PARKER – A Fordlândia está sendo sabotada. Estão disseminando um fungo chamado microcyclus, que cria deformidade nos seringais, impossibilitando a retirada da seiva... E a árvore morre.

MARY – Esta praga é monstruosa. É o mal das folhas. São os próprios brasileiros que estão fazendo isto.

MR. PARKER – É, pode ser. Eles nos odeiam.

MARY – Eu sei. Estou ciente disso.

MR. PARKER – É, pode ser odio.

MARY – É como no deserto. Qualquer um é invasor... E o que vai fazer da vida?

MR. PARKER – Mandarei meu relatório e, provavelmente, a Ford mandará fechar essa hiper fazenda de borracha no Brasil.

MARY – A Ford vai perder uma fortuna.

MR. PARKER – O contrato com os representantes brasileiros foi muito bem elaborado. Foi feito por um grande jurista. Várias autoridades foram compradas. Os brasileiros irão pagar os prejuízos.

MARY – Tenho um primo que representa uma pequena fazenda inglesa de seringueiras na Malásia... Acho que a borracha vai subir de preço.

MR. PARKER – Surpreendente Miss Mary, saber do seu interesse na Malásia, e que sempre desejou destruir a Fordland.

MARY – Não desejo destruir nada. Eu quero é ser amada. Quero ser amada nem que seja por um grupo de causa escusa, vulgar... Mesmo que seja vendendo a minha alma para uma empresa de látex na Malásia. E entre outras

coisas mais, ter a coragem de lhe convidar para uma viagem até a Malásia. Conhecer o Oriente. A nossa eficiência e o custo...

MR. PARKER – Já entendi tudo. Vou usar o seu convite no meu relatório. A senhora está despedida.

Mr. Parker sai de cena.

MARY – Não se iluda. Ainda nos encontraremos na Malásia.

Entra Evaristo.

EVARISTO – Malásia? Onde fica a Malásia?

MARY – E o que importa? Do outro lado do mundo. Não quer conhecer?

EVARISTO – E a minha família?

MARY – Larga tudo e vem comigo para a Malásia. Nós mandamos um dinheiro todo mês.

EVARISTO – Mas não tem homem lá na Malásia? Então leva o Zito. Ele é solteiro.

MARY – Eu quero é você. Eu quero é ser amada por você.

EVARISTO – Gringa quando chega na Amazônia perde logo os miolos.

MARY – Pelo menos dois meses. Dois meses. Se não eu confirmo a acusação de que foi você que espalhou o mal das folhas. Ou foge ou vem comigo.

Cai luz. Rádio se acende.

VOZ LOCUTOR RÁDIO (OFF) – Quando a amazonas lhe entrega o vinho envenenado, Marcos finge beber, mas se lembra dos ensinamentos de seu bondoso amigo, o velho imperador chinês que dizia: os olhos são para ver, mas enxergam mais que vêem; o nariz fareja nossa memória como se fosse um cão; e a boca pode ter formosura, mas não é tão eficiente assim, é facilmente enganada... Marcos sabia que ninguém encontraria o gosto amargo do veneno, mas que a bebida estava envenenada... E num golpe de cena, troca de cálice com a amazonas. Eles brindam e a rainha das amazonas adormece num sono eterno. E assim se encerra esta aventura sem igual.

Rádio se apaga.

Luz acende sobre Mary e Evaristo.

EVARISTO – Se eu fugir eles acabam me prendendo. Vou ser torturado. A senhora é má. Eu posso agarrar seu pescoço agora, tapar sua boca, amarrar seu corpo e jogar no rio pra um jacaré comer. Também é uma viagem.

MARY – Não faria isso. Não é sua índole.

EVARISTO – Mas contei tudo para Mr. Parker e ele viu no microscópio. Consultou um compêndio, que esse tipo de mal das folhas vem do Oriente. E em vez de me prender, ele me soltou e me pediu para avisar a senhora que amanhã de manhã ele vai começar a caçá-la. Eu vim aqui... Só pra despacha-la para a Capital o mais rápido possível. É de lá para a Malásia. O homem está uma fera. Não é hora de falar de amor. O momento é de salvar a pele. Porque ele tem certeza que esse bicho veio da Malásia.

Evaristo sai de foco. Passagem de tempo. Mary põe um chapéu. Pega sua bolsa. Mary vai envelhecendo enquanto fala.

MARY – Eu devia ter sido condecorada várias vezes pela coroa britânica... Algumas empresas inglesas devem muito a minha pessoa. A Ford fechou contrato com a Látex Malásia. Foi tudo proveitoso para ambas as companhias, e a fazenda no Brasil foi fechada.

O rádio se acende.

VOZ LOCUTOR RÁDIO (OFF) – E a última descoberta da ciência é que a borracha pode ser feita a partir do petróleo. Assim, não se necessita mais das seringueiras, nem da extração das seiva, o látex, das florestas tropicais.

MARY – Eu perdi meu emprego e toda a empolgação de fazer algo excitante e prazeroso. A descoberta dessa utilidade do petróleo de gerar látex sintético foi muito desanimadora. Mas fiquei triste por pouco tempo. Porque logo depois consegui um emprego numa fábrica de móveis da Europa, com madeiras extraídas da floresta amazônica.

Mary começa a andar devagar, mancar, passa um pó branco no rosto e seu corpo se curva como se ela envelhecesse. Ela envelhece enquanto fala.

O rádio se acende.

VOZ LOCUTOR RÁDIO (OFF) – Assim, depois da floresta amazônica ser devastada por uma praga, que destruiu as seringueiras. Imediatamente se iniciou um novo tipo de exploração na região: a derrubada de grande quantidade de árvores para suprir o comércio de madeira do mundo.

MARY – Quanto ao amor... Fui muito infeliz... Outro dia sonhei com Evaristo. Ele não tinha envelhecido. Mostrava para mim o pequeno baú. Então quando eu pus a mão dentro do baú e puxei, saiu látex. Meus dedos ficaram cheios de um leite pegajoso e quente, como o sexo. Ao mesmo tempo na minha cabeça veio aquele conceito de Evaristo que dizia que a floresta era sobrenatural...

VOZ LOCUTOR RÁDIO (OFF) – O senhor Ford não é mais o homem mais rico do mundo.

MARY – De uma certa forma, a vida é cercada de momentos e eventos fantásticos e imprevisíveis. Por que ninguém nunca me amou?... A Bíblia é cheia de fatos irreais... E todos acreditam na Bíblia. O problema da existência é que não se pode fazer planos, cria-se uma ilusão e vem a vida, destrói tudo.

VOZ LOCUTOR RÁDIO (OFF) – E logo após o noticiário transmitiremos, o último e sensacional capítulo da novela “As Aventuras da Mulher-Amazona”.

MARY – Apesar de pensarmos o contrário, podemos viver uma vida inteira sem ser amada por ninguém. Aliás, creio que isso aconteça com a maioria das pessoas. Na ficção da rádio novela, a Mulher-Amazona morre sozinha. Eu gosto de rádio novela. Se pensarmos bem elas são reais. Eu me sinto a própria mulher amazônica, coroadada com folhas verdes. Não, melhor, coroadada com um pequeno pneu verde.

Cai a luz. Tudo escuro.

FIM